

A imprensa anarquista no Brasil

Ricardo Jorge de Lucena Lucas*

ABSTRACT

Anarchism and Anarchist Press in Brazil

The author works up a concept of anarchism beginning with the main theoreticians of this movement, such as Bakunin, Kropotkin and Proudhon. In a second moment, he refers to the anarchist movement in Brazil, from the beginning of the 20th Century until its political emptying. At last, he examines the anarchist press in Brazil, how it appeared and its bearing on the different workers' movements of the epoch.

RESUMO

O autor trabalha um conceito de anarquismo a partir dos principais teóricos deste movimento, tais como Bakunin, Kropotkin e Proudhon. Num segundo momento, reporta-se ao movimento anarquista no Brasil, do começo do século XX até o seu esvaziamento político. Finalmente trata da imprensa anarquista no Brasil, como ela surgiu e sua influência nos diversos movimentos operários da época.

1. Introdução

Atualmente, a palavra *anarquismo* logo nos remete a outros conceitos associados à desordem e ao caos generalizado. Porém, poucos conhecem o seu significado mais amplo e verdadeiro.

Poucos, também, são os que sabem de sua importância aos movimentos operários brasileiros, notadamente na passagem do século XIX para o sé-

(*) *Trabalho apresentado na disciplina "Sistemas de Comunicação no Brasil" . Graduando do Curso de Comunicação Social da UFC.*

culo XX, bem como de sua importância para ajudar a construir as bases do “Sansão moderno que é o sindicato”¹.

Na primeira parte deste trabalho será exposto o conceito de anarquismo, sua influência política e histórica, assim como a de seus defensores, entre eles: Mikhail Bakunin, Piotr Kropotkin e Pierre-Joseph Proudhon.

A segunda parte conterà um histórico sobre o movimento anarquista no Brasil, desde a sua chegada até o seu esvaziamento no cenário político.

A terceira e última parte irá tratar da imprensa anarquista no Brasil: como ela surgiu e sua influência nos diversos movimentos operários da época.

2. O que é anarquismo

As bases da origem do anarquismo se perdem e se confundem com as bases da origem dos movimentos sociais. Cita-se os filósofos cínicos e estóicos² da Grécia Antiga como os primeiros formuladores de teses anarquistas³. Há menção também ao nome de Ptr Chelčický (c. 1390 – c. 1460), reformador boêmio da Idade Média.⁴

Porém, somente em 1793 é que o anarquismo começaria a tomar forma. William Godwin, escritor e filósofo inglês, publica, nesse ano, as “Investigações sobre a Justiça Política”, obra na qual ataca impiedosamente: as classes privilegiadas, a propriedade privada e o Estado. Segundo Godwin, a existência da propriedade privada e do Estado não propicia uma vida social baseada nos princípios da justiça; isso só aconteceria com a extinção do Estado e com a coletivização das propriedades. Escreveu mais tarde as “Aventuras de Caleb Williams”, onde expõe os seus princípios de maneira mais evidente⁵.

Johann Gaspar Schmidt – mais conhecido como Max Stirner –, filósofo alemão, é outro nome importante do anarquismo. Em 1845, defenderia o princípio da coletividade de “egoístas” em sua obra “O Único e a Sua Propriedade”. Nesta, Stirner diz que o “eu” é a fonte do direito, é único, é tudo e se apropria de tudo⁶. Além de não haver o Estado – em seu lugar haveria uma União de Egoístas, a qual seria uma propriedade –, o indivíduo, em hipótese

1. LINHARES, Hermínio. **Contribuição à História das Lutas Operárias no Brasil**. 2. ed. São Paulo, Alfa-Ômega, 1977. p. 19.
2. O Estoicismo é uma escola filosófica da Antiguidade, fundada no século II a.C., por Zenão de Cítio, que teve como adeptos Sêneca, Epicteto e o imperador Marco Aurélio. Caracteriza-se pela busca da ataraxia (felicidade suprema); pela convivência harmônica com a natureza; pela impassibilidade absoluta e indiferença pelas dores e prazeres humanos, visando à identificação com o logos (sabedoria, razão); fraternidade universal entre os homens (independentemente de classes sociais); e sua moral, considerada como o sistema ético mais elevado do paganismo.
3. **Encyclopaedia Britannica**. Anarquismo. 6. ed. Rio de Janeiro, São Paulo. William Benton, 1969. v. 1. pp. 374-5.
4. Idem, p. 375.
5. BARROS, A. B. Buys de. **Os Movimentos Sociais e o Socialismo**. 3. ed. Rio de Janeiro, José Konfino-Editor, 1956. pp. 128-9.
6. Idem, p. 212.

alguma, não poderia exercer o seu poder sobre outro. Sendo único, o indivíduo também não teria nada em comum com outra pessoa⁷.

Um dos nomes mais controvertidos dentro do anarquismo é o de Pierre-Joseph Proudhon, crítico social francês. Foi o responsável pelo lançamento do primeiro jornal anarquista de publicação periódica regular, o "Le Représentant du peuple"⁸. Em 1840, tornar-se-ia uma celebridade, com seu primeiro livro, "O que é a Propriedade?". Nele, Proudhon desenvolve a tese a *propriedade é um roubo*, a qual lhe valeu um processo, do qual seria absolvido. Porém, Proudhon não propunha o fim da propriedade, e sim, o fim do abuso da propriedade; era favorável à fundação de um banco de troca, onde se operasse o "empréstimo gratuito", o que tornaria obsoleto o regime assentado na propriedade privada. Esse banco, criado pelo Estado, proporcionaria crédito gratuito por antecipação de capital, e sob a forma de vales circulantes não conversíveis em numerário; para tal, era necessário que todos os aderentes ao banco aceitassem os vales no pagamento de suas mercadorias; o banco descontaria as letras que correspondessem a mercadorias entregues ou sob promessa de compra. Assim, limitar-se-ia a adiantar ao vendedor da mercadoria uma importância que depois receberia do comprador. E mais: além de os negociantes obterem sem juros esse capital circulante, o banco emprestaria meios necessários à fundação de novas empresas e conseqüente aquisição de instrumentos de trabalho; e assim, haveria a união das classes e desapareceria a necessidade da existência do Estado, o qual só existe enquanto houver "opressores e oprimidos"⁹.

Proudhon, apesar de influenciar alguns líderes sindicalistas franceses com seus ensaios sobre o seu ponto de vista acerca do anarquismo (que acarretaram na corrente do Mutualismo), mostrou-se frágil ante a economia burguesa da época: chegou a fundar o banco de troca, o qual resultou em um grande fracasso¹⁰. Proudhon também sofreria ataques de Karl Marx, quando da publicação de "A Filosofia da Miséria". Esta seria rechaçada pelo alemão em "A Miséria da Filosofia". Os ataques de Marx não abalaram Proudhon, que afirmava que, na verdade, o filósofo alemão estava enciumado¹¹.

Mikhail Bakunin é, decerto, o mais representativo nome do anarquismo europeu do século XIX. O "São Paulo do Anarquismo" era um russo de enorme estatura, que adorava tramar a derrubada dos governos e participar dessas conspirações¹². Era um homem que apreciava a ação direta; talvez seja esse o motivo pelo qual nunca deixou, ao menos, um só livro pronto. Boêmio e falante, Bakunin era tido como sendo um grande discursador e aventureiro, características que o levaram a se tornar uma figura conhecida em toda a Europa. Com 26 anos, em 1841, escreve o primeiro e um dos mais importantes artigos seus: "A Reação na Alemanha", onde diria que "o impulso destrutivo

7. COSTA, Caio Túlio. **O que é Anarquismo**. 10. ed. São Paulo, Brasiliense, 1985. pp. 33-4.

8. Idem, p. 35.

9. BARROS, A. B. Buys de. Op. cit. p. 183.

10. Idem, p. 184.

11. COSTA, Caio Túlio. Op. cit. pp. 34-5.

12. WOODCOCK, George, apud DULLES, John William Foster. **Anarquistas e Comunistas no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1977. p. 19.

também é um impulso criador”¹³. Ainda nesse ano, segue para Paris, cidade onde conheceria Karl Marx. Porém, um discurso em prol da derrubada do governo czarista polonês fez com que Bakunin fosse expulso sete anos depois. Contudo, Bakunin continuava com seus discursos inflamados em várias cidades européias: Paris (novamente), Dresden, Praga, Londres e outras, apesar de diversas prisões e condenações. Mas estas eram em vão, ante a sagacidade de Bakunin; tanto que, em 1864, o aventureiro russo encontrava-se na Itália, para participar da Associação Internacional dos Trabalhadores¹⁴.

A A.I.T. foi o resultado de vários congressos realizados pela Europa entre 1836 e 1862; nesses, comunistas e operários faziam movimentos no sentido de orientar uma possível revolução, a qual mudaria os seus destinos. Em 1848, Marx e Engels publicavam o “Manifesto Comunista”, que continha o programa da Liga dos Comunistas, a qual foi extinta em 1851, por intervenção do governo prussiano. A partir de 1862, operários franceses e ingleses, trocando correspondências ininterruptamente, têm a idéia de formarem eles mesmos uma associação internacional. Assim, em setembro do ano de 1864, com a realização da Conferência de Operários, tendo Marx como representante dos operários alemães, surge a A.I.T., na cidade de Londres, no St. Martin’s Hall¹⁵.

Com isso, surgia a I Internacional, que, segundo os historiadores e estudiosos, apresentou três fases distintas: 1864-1867, onde os mutualistas proudhonianos se fizeram influentes; 1868-1870, onde predominariam as idéias marxistas, com um começo de disputa entre Karl Marx e Mikhail Bakunin; e 1871-1876, onde Marx sentia os efeitos do antiautoritarismo em países pouco industrializados, como Suíça, Itália ou Espanha. Ainda em 1876, após a expulsão de Bakunin e seus partidários, a sede da I Internacional transferiu-se de Londres para Nova York, onde se dissolve de modo definitivo¹⁶.

Não se sabe ao certo o porquê das divergências entre Bakunin e Karl Marx: se de ordem ideológica ou de ordem pessoal. Cotrim Neto, no seu parecer, afirma que não aceita “que os motivos das históricas polêmicas da Anarquia contra o Comunismo tenham sido exatamente de ordem doutrinária, tanto que (em resposta a Bakunin) o próprio Karl Marx se confessava anarquista, e os mesmos anarquistas divergiam no concernente à propriedade. . . Talvez o litígio entre esses pregadores da revolução social tenha origem menos respeitável e haja nascido de antipatias pessoais que freqüentemente se evidenciavam.”¹⁷

13. COSTA, Caio Túlio. Op. cit. pp. 39-41.

14. Idem, pp. 41-5.

15. BARROS, A. B. Buys de. Op. cit. pp. 238-41.

16. Para os simpatizantes do marxismo, a I Internacional se dissolveu a partir da participação de Bakunin e seus partidários, pois este teria provocado sérios conflitos que resultariam na mudança da sede. Para os anarquistas, a culpa seria de Marx e seus partidários, que, no afã de se verem livres e longe dos ideais de Bakunin, decidem pela sua expulsão e pela mudança da sede. J. Hampden Jackson diz que Marx “tinha a intenção de provocar o fim da associação que tanto se empenhara em fundar e fora incapaz de controlar”. In: **Marx, Proudhon e o Socialismo Europeu**. 1. ed. Rio de Janeiro. Zahar, 1963. p. 132.

17. COTRIM NETO, Alberto B. **Curso de Doutrina dos Socialismos**. 1. ed. Rio de Janeiro, Livraria Freitas Bastos, 1953. p. 21.

Bakunin, que era combatente ferrenho dos tipos de autoridade existentes na época (Estado e religião), defendia a existência de sociedades secretas como condutoras do processo de conscientização dos operários em geral. Viria a falecer em 1876, quatro anos depois de sua expulsão da A.I.T.

Piotr Alexeyevitch Kropotkin também é outra figura importante dentro da história do anarquismo. Ao contrário de Bakunin, Kropotkin deixou várias obras publicadas: "Palavras de um Revoltado" (1885), "Prisões da Rússia e da França" (1890), "A Conquista do Pão" (1890), "A Grande Revolução" (1893), "A Anarquia, Sua Filosofia, Seu Ideal" (1896), e "A Ajuda Mútua" (1906), além de escrever verbetes para a *Enciclopédia Britânica* e artigos para a *Geografia Universal*, do escritor, geógrafo e amigo Élisée Reclus¹⁸.

Novamente ao contrário de Bakunin, Kropotkin acreditava que o anarquismo tinha de ter um caráter evolutivo e positivo, a partir da maturação da opinião pública e do mínimo possível de agitação e desordem. Suas idéias, porém, não encontrariam respaldo entre os anarquistas, apesar de contribuírem para uma melhor imagem do anarquismo junto à opinião pública, incluindo-se Bernard Shaw¹⁹.

Kropotkin também era favorável à evocação do comunismo dentro da filosofia anarquista; assim, lançou as bases do anarco-comunismo, que defendia as idéias de "livre associação", onde cada indivíduo participaria com o seu trabalho e retiraria de acordo com os seus desejos²⁰.

Outro russo de família aristocrática (a exemplo de Bakunin e Kropotkin) a se destacar no anarquismo foi Lev Nikoláievitch Tolstoi. Apesar de não combater a religião (pelo contrário, era um cristão fiel ao Evangelho), Tolstoi mostrou-se sempre contra o Estado e a propriedade. A sua admiração pessoal por Kropotkin, seu racionalismo cristão e sua "teoria do amor" permitiram que se traçasse um paralelo entre o seu anarquismo cristão e a "ajuda mútua"²¹. Isso fica evidenciado nas biografias referentes ao escritor russo: "O verão [de 1891] fora rigoroso, os campos russos estavam secos, os lavradores desesperados. O governo vetara qualquer iniciativa particular de ajuda aos flagelados. Tolstoi, ignorando a proibição, organizou postos de serviço, recolheu fundos, fez propaganda através de artigos veementes. . . [Tolstoi] desejava viver como mendigo, e tentou uma experiência desse tipo; logo o reconheceram e o excluíram do convívio com os pobres. Queria ele mesmo limpar seus aposentos; os criados o impediam²²." Mahatma Gandhi é considerado seu maior discípulo.

Pode-se destacar também os nomes de Enrico Malatesta (maior divulgador das idéias anarquistas na Itália) e de Emma Goldman (uma das primei-

18. Esses artigos e verbetes foram escritos por Kropotkin na época em que se encontrava preso, após ter sido condenado pela corte de Lyon, em 1883, a cinco anos de prisão. Motivo: foi acusado de incitar atentados na França, em 1882. Porém, três anos depois já se encontrava livre.

19. COSTA, Caio Túlio. Op. cit. pp. 54-5.

20. Idem, p. 57.

21. Idem, p. 58.

22. TOLSTOI, Lev. In: **Os Imortais da Literatura Universal**. São Paulo, 20:128-9, 1971. Abril Cultural.

ras mulheres a defender o anarquismo, principalmente nos EUA, apesar de ser russa)²³.

Apesar de todos os esforços, o anarquismo não conseguiu acabar com nenhum Estado, nem destruir as suas bases. Porém, em que influenciou essa doutrina política que pretendia o fim do Estado, da propriedade e da própria política? Em que o anarquismo contribuiu para a História?

Caio Túlio Costa diferencia o anarquismo de outras doutrinas políticas utilizando-se do conceito de Rudolf de Jong sobre a ação direta, característica comum a muitos anarquistas: "A ação direta é um conceito de maturidade frente a um conceito de infantilismo, pelo qual o homem desiste de suas responsabilidades e as delega a outros, seus representantes, abstendo-se de fazer e pensar por sua conta e risco"²⁴. Porém, o mesmo Caio Túlio Costa cita que a ingenuidade é um fator comum em todas as formulações anarquistas: "... Cada indivíduo, para os anarquistas, deve determinar sua vida. As minorias têm todo o direito de discordar e fazer diferentemente, o homem precisa ser livre. Ingenuidade? Talvez"²⁵. E complementa dizendo que "a ingenuidade das teorizações e a fraqueza da doutrina que nunca se apresentou como um corpo sistemático e acabado é da gênese do próprio anarquismo. ... Eis o seu fracasso e seu fascínio"²⁶.

Por outro lado, historiadores ressaltam a importância do anarquismo e dos anarquistas nas ciências políticas, principalmente nos estudos sobre socialismo e comunismo. J. Hampden Jackson declara, por exemplo, que "se Karl Marx se destaca hoje como um dos criadores do socialismo, não será, porém, o único. Existe uma tradição anarquista, mutualista, contra o Estado, que é o oposto do marxismo, como existe também na essência do credo socialista uma doutrina moral com a qual Marx (com seu sincero desprezo pelas pregações morais) nenhuma relação teve. O socialismo é tanto uma ética como uma política, uma atitude para com a vida social e uma interpretação do dever do homem para com seu próximo, e uma doutrina econômica e política. E dessa ética Proudhon, embora não o seu criador, foi o maior profeta"²⁷.

O próprio Bakunin faria uma comparação feliz entre Proudhon e Marx. Admitia que Marx era um pensador econômico sério e profundo, tendo a vantagem de ser materialista, ao passo que Proudhon era um idealista incorrigível e um metafísico visceral, tornando-se, assim, uma contradição permanente, um gênio poderoso e um pensador revolucionário que lutava descuidadamente contra as ilusões do realismo. Porém, ainda segundo o aventureiro russo, "Proudhon compreendeu a idéia de liberdade melhor do que Marx. ... possuía o instinto autêntico do revolucionário. ... É perfeitamente possível que Marx desenvolvesse uma idéia ainda mais razoável da liberdade do que Proudhon, mas falta-lhe o instinto deste. Como alemão e judeu, é um autoritário da cabeça aos pés"²⁸. Entretanto, os simpatizantes de Marx não vêem,

23. COSTA, Caio Túlio. Op. cit. pp. 60-3.

24. Idem, p. 20.

25. Idem.

26. Idem, pp. 28-9.

27. JACKSON, J. Hampden. **Marx, Proudhon e o Socialismo Europeu**. 1. ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1963. p. 9.

28. Idem, pp. 128-9.

logicamente, verdade nestas afirmações. T. B. Bottomore, por exemplo, argumenta que “a publicação recente dos documentos da I Internacional (Moscou, 1964) revelou o quão pouco autoritário era Marx, em suas atividades políticas. . . . Em suas relações com outros socialistas, Marx dava às vezes a impressão de dogmatismo, mas acredito que se tratava antes da irritação de um pensador notável e criador, ao encontrar homens que eram não só muito menos capazes, mas aos quais faltava a dedicação demonstrada por Marx, no terreno da investigação científica. Proudhon, por exemplo, era um pensador puramente especulativo; Bakunin, um revolucionário apaixonado e vago.eram tratados por Marx com um desprezo que nos parece talvez desagradável, mas que não deixava de ter justificação”²⁹.

Em carta dirigida a Kugelmann em outubro de 1866, por ocasião do Congresso de Genebra, Marx deixa bem claro o seu posicionamento com relação a Proudhon e seus seguidores: “Esses cavalheiros de Paris estavam com a cabeça cheia das mais fúteis frases proudhonistas. . . . Proudhon tem feito um mal enorme. Sua pseudocrítica e sua pseudo-oposição aos utopistas. . . fascinaram a princípio os jovens estudantes inteligentes e em seguida, os trabalhadores. . . . Ignorantes, fúteis, pretensiosos, falastrões – meros sacos de vento–, por pouco não estragaram todo o congresso, pois o número de seus delegados era desproporcional ao número de membros da secção francesa da Associação”³⁰.

Pierre Ansart, em seus ensaios sobre Proudhon, afirma que o pensador francês, em sua fase mais anarquista (1848-1852) se deteve no propósito da “exterminação do poder político como condição de uma liberação das forças sociais”, bem como da necessidade de uma organização espontânea das forças econômicas. Porém, Proudhon, ao longo de sua teoria, mostraria maior preocupação no estudo da liberação total das forças sociais e na explicação dos meios desta liberação, afastando-se cada vez mais de temas políticos em seus pensamentos, principalmente quando da formulação de sua teoria do “anarquismo positivo”³¹.

Outra questão polêmica no que se refere ao anarquismo é o uso, ou não, da violência, o que geraria discordância entre os próprios anarquistas; porém, seria Max Weber, sociólogo alemão, que colocaria no papel as suas idéias sobre a violência. No ensaio “A Política como Vocação”, Weber afirma que a violência é o instrumento decisivo da política. Diz também que “é perfeitamente ridículo, da parte dos revolucionários, condenar em nome da moral a ‘política de força’ praticada pelos homens do antigo regime, quando, afinal de contas, eles se utilizam exatamente desse meio – por mais justificada que seja a posição que adotam quando repelem os objetivos de seus adversários”³². Weber afirma, ainda, que todo homem que pactua com a violência se expõe às conseqüências que ele mesmo acarreta, desde que o seu combate seja sedimentado pelas suas certezas e convicções.³³

29. BOTTOMORE, T. B. **As Classes na Sociedade Moderna**. 1. ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1968. pp. 118-9.

30. JACKSON, J. Hampden. Op. cit. pp. 126-7.

31. ANSART, Pierre. **Marx et l'anarchisme**. 1. ed., Paris, Presses Universitaires de France, 1969. pp. 251-4.

32. WEBER, Max. **Ciência e Política**. Duas vocações. 1. ed. São Paulo, Cultrix, 1970. pp. 114-5.

33. Idem, p. 118.

Contudo, não seria apenas na Europa e nos EUA (em menor escala), mas também no Brasil, que a anarquia seria uma das páginas (muitas vezes esquecida e/ou apagada) da história mundial, seja a nível sócio-econômico, seja a nível político-filosófico. Porém, essa realidade, no Brasil, se mostraria mais importante do ponto de vista sócio-econômico, como será visto adiante.

3. O anarquismo no Brasil

Não se sabe ao certo qual foi o primeiro indício de presença anarquista no Brasil. Parece provável, contudo, que a primeira referência ao anarquismo no território nacional surgiu em 1825, com o jornal "Triunfo da Legalidade", periódico da cidade do Rio de Janeiro, o qual lutava contra a facção dos anarquistas. Existiu até o ano de 1826; neste jornal, é possível notar uma preocupação que se mostrava contra o movimento anarquista³⁴. Ainda no Rio de Janeiro, surgiria em 1831 o periódico "O Grito da Pátria Contra os Anarquistas"³⁵.

Isso parece ser fruto dos contatos feitos entre operários portugueses e brasileiros, principalmente na capital fluminense, onde era forte a presença lusitana³⁶. Tanto que, em 1858, ocorria no Rio de Janeiro a primeira greve operária do Brasil: a greve dos tipógrafos. É possível encontrar referências feitas à solidariedade entre a Associação Tipográfica Fluminense e os operários portugueses³⁷. Terminada a greve, os tipógrafos foram acusados de serem elementos perturbadores da ordem e anarquistas³⁸.

No final do século XIX começariam a surgir no Brasil algumas colônias libertárias. Há referências da existência destas colônias em Santa Catarina, Pernambuco, São Paulo e Paraná³⁹. A mais conhecida é a Colônia Cecília⁴⁰, localizada na região de Palmeira, interior do Paraná, onde se instalaram os anarquistas, com autorização de D. Pedro II. Sua existência foi breve: 1890-1893, quando foram expulsos pela polícia republicana.

Entretanto, a história do anarquismo no Brasil seria escrita, principalmente, nas duas principais metrópoles da época: o Rio de Janeiro e a cidade de São Paulo. Nestas, é possível notar o envolvimento dos anarquistas imigrantes (que por sinal eram poucos) com o proletariado brasileiro.

Esse processo teria início na segunda metade do século XIX, quando os cafeicultores (principalmente do Estado de São Paulo) exaltavam uma imi-

34. LINHARES, Hermínio. Op. cit., p. 28.

35. Idem.

36. HARDMAN, Francisco Foot, & LEONARDI, Victor. **História da Indústria e do Trabalho no Brasil**. 1. ed. São Paulo, Global, 1982, p. 233.

37. Idem, p. 234.

38. LINHARES, Hermínio. Op. cit. pp. 33-4.

39. Sobre as colônias libertárias, ver:

RODRIGUES, Edgar. **Socialismo e Sindicalismo no Brasil (1675-1913)**. Rio de Janeiro, Laemmert, 1969. pp. 35-8.

40. Sobre a Colônia Cecília, ver:

RODRIGUES, Edgar. Op. cit. pp. 39-48.

SCHMIDT, Afonso. **Colônia Cecília - Uma aventura anarquista na América**. São Paulo, Anchieta, 2. ed., 1942.

SOUZA, Newton Stadler de. **O Anarquismo da Colônia Cecília**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1973 (ensaio histórico).

gração em massa. Por volta de 1870, acontecia a expansão das lavouras de café em grande escala, onde a mão-de-obra escrava se fazia escassa e menos produtiva que o imigrante europeu. Com a abolição da escravatura, em 1888, o homem acostumado com o sistema escravocrata tinha que encontrar outros meios para atender às necessidades econômicas do País⁴¹.

A solução era a imigração européia em massa. Para tal, o governo brasileiro inicia uma forte propaganda na Europa sobre "a terra da oportunidade", acarretando na vinda, entre 1870 e o começo da Primeira Guerra Mundial, de alemães, poloneses, austríacos (em minoria), e de italianos, portugueses e espanhóis (em grande maioria). Porém, denúncias de mau-trato e exploração do proletariado imigrante fizeram com que fosse proibida a livre emigração⁴².

Todavia, entre os imigrantes que vieram para o Brasil e ficaram, é possível distinguir alguns nomes importantes para a divulgação do pensamento e ideais anarquistas: os italianos Oreste Ristori, Gigi Damiani e Heitor Marchini; os espanhóis Everardo Dias e Florentino de Carvalho (o qual o nome verdadeiro era Primitivo Raimundo Soares); e o escritor português Neno Vasco (Gregório Nazianzeno Moreira de Queirós Vasconcelos) se tornariam nomes essenciais nesse contexto histórico⁴³.

Na mesma época, o socialismo também começaria a dar os seus primeiros passos no Brasil. Socialistas estrangeiros que vieram para o Brasil como imigrantes tiveram dificuldades em propagar os seus ideais: o proletariado urbano era reduzido, os anarquistas eram contra qualquer partido político, e os brasileiros não demonstravam muita simpatia pelas idéias de Karl Marx⁴⁴.

Contudo, anarquistas e socialistas, sem esquecer de suas divergências, militam juntos no sentido de conscientizarem o operariado, fazendo com que este ingresse em associações trabalhistas. Os anarquistas influenciados pelos sindicalistas e os anarco-sindicalistas europeus acreditavam que a organização dos operários em sindicatos favoreceria o combate às poderosas instituições existentes – o governo, os partidos políticos e a Igreja Católica⁴⁵. Para conseguir a adesão e/ou conscientização dos operários, surgiria a imprensa operária engajada (como será visto no capítulo seguinte).

No dia 1º de agosto de 1892, realizou-se no Rio de Janeiro o Primeiro Congresso Socialista Brasileiro, cujo objetivo, o qual acabou não sendo atingido, era a criação de um Partido Socialista⁴⁶. No Segundo Congresso Socia-

41. DULLES, John W. Foster. **Anarquistas e Comunistas no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1977. p. 17.

42. Idem.

43. Ver:

DULLES, J. W. F. Op cit. pp. 20-1. e

HARDMAN, Francisco Foot, & LEONARDI, Victor, op. cit. pp. 235-6. Ver também:

FAUSTO, Boris. **Trabalho Urbano e Conflito Social (1890-1920)**. São Paulo, Difel, 1976. pp. 92-6.

MARAM, S Leslie. **Anarquistas, Imigrantes e o Movimento Operário Brasileiro (1890-1920)**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979. p. 30 e p. 85.

44. DULLES, John W. F. Op. cit. p. 21.

45. Idem, p. 23.

46. ANTUNES, Ricardo C. **O que é Sindicalismo**. 9. ed. São Paulo, Brasiliense, 1984. p. 49.

lista Brasileiro, realizado em São Paulo, em maio de 1902, a conclusão geral é que “as greves... estão a generalizar-se, sempre mais freqüentes... , respondendo à opressão, sempre maior, do capitalismo”⁴⁷.

A verdade é que o início do século XX é caracterizado pelo surgimento do movimento sindical brasileiro, com uma conseqüente eclosão de greves pelo País. Segundo Edgar Rodrigues, 111 greves operárias foram realizadas no Brasil entre 1900 e 1910, e 258 no período 1910-1920 (excluindo a conjuntura 1917-1918)⁴⁸. Segundo Boris Fausto, somente nos anos 1917-1918, no Estado de São Paulo e no Rio de Janeiro (Distrito Federal), ocorreram mais de 200 greves, envolvendo, apenas nos casos em que este dado era disponível, a participação direta de aproximadamente 300 mil trabalhadores⁴⁹. Contudo, no período 1901-1908, a onda de greves (algumas vitoriosas, outras não) se enfraqueceria devido à recessão econômica começada em 1907; por causa desta, os industriais que se viram forçados a conceder melhorias de trabalho puderam voltar às condições precárias de trabalho para o proletariado⁵⁰. Viria também em 1907 a Lei Adolfo Gordo (Decreto 1641), que regulamentava a expulsão, de parte ou de todo o território nacional, de estrangeiros que comprometessem “a segurança nacional ou a tranqüilidade pública”⁵¹.

Deve-se ressaltar, todavia, o Primeiro Congresso Operário Brasileiro, realizado no Rio de Janeiro, de 15 a 22 de abril de 1906, na sede do Centro Galego. A imprensa operária da época se fez importante como instrumento de organização e mobilização dos trabalhadores⁵². Houve o comparecimento de vários delegados estaduais, principalmente de São Paulo. Os anarquistas, mesmo sem ser a maioria, conseguiram a aprovação de quase todas as suas teses e propostas⁵³, apesar de não terem sido discutidas naquelas resoluções a destruição do Estado e a construção da sociedade do futuro⁵⁴. A partir deste congresso, inicia-se, segundo Hermínio Linhares, “um longo período de influência anarco-sindicalista no movimento operário brasileiro, com o seu visceral preconceito antipolítico. O operariado brasileiro sempre lutou pela paz; neste congresso, já concluía que “a guerra é um grande mal para os trabalhadores, que lhe pagam todos os encargos com o seu dinheiro e o seu sangue”; e, adiante: “deve-se incitar o proletariado à propaganda e ao protesto contra a guerra”⁵⁵. Ainda neste congresso, foram lançadas as bases para a fundação da Confederação Operária Brasileira.

A Confederação Operária Brasileira (COB) foi organizada em março de 1908, no Rio de Janeiro, sendo composta de aproximadamente 50 organizações sindicais do Rio, São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Bahia, Paraná etc.⁵⁶ De acordo com a sua constituição, apareceria

47. BASTOS, Abiguar, apud DULLES, John W. F. Op. cit. p. 26.

48. HARDMAN, Francisco Foot, & LEONARDI, Victor. Op. cit. p. 332.

49. Idem.

50. DULLES, John W. Foster. Op. cit. p. 29.

51. Idem.

52. HARDMAN, Francisco Foot, & LEONARDI, Victor. Op. cit. p. 337.

53. LINHARES, Hermínio. Op. cit. pp. 47-8.

54. PINHEIRO, Paulo Sérgio, & HALL, Michael M. **A Classe Operária no Brasil (1889-1930)**. Documentos. 1. ed. São Paulo, Alfa-Ômega, 1979. p. 41.

55. LINHARES, Hermínio. Op. cit. p. 48.

56. Idem, p. 50.

o jornal "A Voz do Trabalhador"⁵⁷; faria uma campanha popular antimilitarista e contra a lei que estabelecia o sorteio militar (devido à propagação de uma possível guerra entre Brasil e Argentina); realizou também comício de protesto e passeata contra o fuzilamento do pedagogo e ateuista Francisco Ferrer, executado pelo governo espanhol. Ferrer propunha novos métodos educacionais⁵⁸. Porém, durante o período 1910-1912, a COB não teve grande atuação⁵⁹.

Em 1912, o governo já procurava controlar o movimento operário: isso se deu com o "Congresso Operário", o qual teve como presidente honorário o então presidente da República Hermes da Fonseca⁶⁰ e como patrocinadores os tenentes Palmiro Serra Pulquério e Mário Hermes da Fonseca, este último deputado federal e filho do presidente⁶¹. Neste congresso, foram criadas "lideranças" sindicais governistas, as quais se conciliavam com o Estado⁶².

Em fins de 1912, a COB convoca um novo congresso sindical a nível nacional; em janeiro de 1913, a COB é declarada "reconstituída"; e, em setembro do mesmo ano, realiza-se o II Congresso da COB. Porém, constatou-se nesse congresso que "o proletariado brasileiro não chegara a concluir o processo de sua constituição, enquanto 'classe para si', sequer no plano sindical. Isto é, a COB não chegara a se tornar, plenamente, uma central sindical. Era um instrumento necessário e poderoso nesse sentido, sem dúvida. Porém, o processo não se concluíra"⁶³.

Todavia, as greves se sucediam; no começo do século, os grevistas se viam às voltas com forte repressão policial. É interessante deter-se em um trecho do relatório do Comissário de Segurança Pública, Cesare Alliat-Bronner, funcionário do serviço especial de vigilância do governo italiano, escrito em 30 de junho de 1909: "Em vão os sindicalistas e os anarquistas italianos tentam, de qualquer forma, galvanizar as massas; a elevação destas à compreensão de mais altas finalidades políticas, econômicas e sociais está bem distante de ser alcançada; de forma que a plebe operária cede somente ao embate de uma imediata ou mui violenta lesão de interesses, mas não é ainda capaz de prover, com as fortes organizações e outras formas diversas de elevação do proletariado, à salvaguarda do futuro. Disso resultam explosões repentinas, imprudentes e bem pouco disciplinadas, especialmente no Rio, em São Paulo e em Santos, sob forma de greves violentas, nas quais, porém, forçoso é reconhecer, a ação provocadora é mais das polícias locais que dos grevistas, salvo exceções"⁶⁴.

O ano de 1917 ficaria marcado como o auge das greves operárias em todo o território nacional. Escreve Maria Nazareth Ferreira: "Toda a popu-

57. DULLES, John W. F. Op cit. p. 30.

58. Ferrer propôs a escola moderna (ou racionalista), a qual foi logo aceita pelos anarquistas. O princípio desta era desvincular o ensino das idéias religiosas.

59. DULLES, John William Foster. Op. cit., p. 30.

60. ANTUNES, Ricardo C. Op. cit. p. 50-2.

61. DULLES, John W. F. Op. cit. p. 30.

62. ANTUNES, Ricardo C. Op cit. p. 52.

63. HARDMAN, Francisco Foot, & LEONARDI, Victor. Op. cit. p. 346.

64. PINHEIRO, Paulo Sérgio, & HALL, Michael M. Op. cit. pp. 110-1.

lação pobre participou do gigantesco movimento de revolta. Os soldados colocados contra o povo, pelo governo, foram chamados a lutar, não contra, mas ao lado dos trabalhadores. E não foram poucos aqueles que aderiram ao apelo da liderança operária⁶⁵. Em julho deste mesmo ano, a cidade de São Paulo assiste a uma greve geral que a paralisa completamente, durante vários dias, graças à adesão de diversos grupos de trabalhadores. Esta greve-marco é considerada a primeira greve geral em um Estado brasileiro: os anarquistas, que dirigiram o movimento, conseguiram com que o comércio fechasse, os transportes parassem e o governo não conseguisse dominar o movimento pela força. Durante o período de greve, carne e leite só eram distribuídos a hospitais, com autorização da comissão de greve. Depois de negociações e com algumas conquistas aceitas, os operários voltaram ao trabalho, o que não impediu que o governo forçasse um retrocesso neste processo trabalhista. Assim, os líderes do movimento foram presos, espancados, processados e expulsos, bem como as promessas, as quais o governo fez, seriam esquecidas⁶⁶. Para P. S. Pinheiro e M. M. Hall, “a greve geral de julho de 1917 em São Paulo foi a manifestação política urbana mais impressionante da Primeira República”⁶⁷. Além disso, a declaração de guerra contra a Alemanha por parte do governo brasileiro e a conseqüente “propaganda patriótica” que assolou o País, bem como a ajuda do clero para a propagação desta “propaganda”, contribuíram para um esvaziamento do movimento grevista⁶⁸.

O período 1918-1920 corresponderia ao auge do movimento anarquista no Brasil, que até então era “a liderança mais significativa do movimento operário brasileiro”⁶⁹. No fim do ano de 1918 começaria o que John W. Foster Dulles chama de “a insurreição anarquista”⁷⁰.

O ano de 1920 seria marcado pelo Terceiro Congresso Operário Brasileiro, o qual “revelava, pelo teor das reivindicações, que, apesar do ascenso extraordinário daqueles anos, poucas conquistas do proletariado puderam ser preservadas”⁷¹. Como fatores decisivos para explicar o ascenso do movimento operário brasileiro, temos “. . . o agravamento das condições de vida e trabalho do proletariado, devido à I Guerra Mundial. . . o trabalho de agitação e propaganda desenvolvido pelas lideranças anarquistas; a atividade concreta de organização da classe, através dos sindicatos, uniões e ligas criados pelo anarco-sindicalismo. . . E, . . . a própria situação internacional da luta de classes, marcada pela revolução proletária na Rússia, em outubro de 1917, e pela maré revolucionária que sacudiu o continente europeu até o início dos anos vinte: as revoluções abortadas na Alemanha e na Hungria, o levante operário de Turim, na Itália, a guerra civil na Rússia etc.”⁷².

65. FERREIRA, Maria Nazareth. *A Imprensa Operária no Brasil (1880-1920)*. 1. ed. Petrópolis, Vozes, 1978. p. 77.

66. LINHARES, Hermínio. Op. cit. pp. 61-2.

67. PINHEIRO, Paulo Sérgio, & HALL, Michael M. Op. cit. p. 232.

68. DULLES, John W. F. Op. cit. pp. 61-2.

69. ANTUNES, Ricardo C. Op. cit. p. 53.

70. DULLES, John W. F. Op. cit. pp. 68-70.

71. HARDMAN, Francisco Foot, & LEONARDI, Victor. Op. cit. p. 351.

72. Idem, p. 350.

Por outro lado, todos estes fatores que construíram o ápice do anarquismo não seriam suficientes para superar os limites e fraquezas que este representava. Segundo Hardman e Leonardi, “a recusa em considerar a organização partidária do proletariado para a luta política contra o Estado; a negatividade de organizar a classe em partido próprio; o apego à chamada ‘resistência anticapitalista’, que se traduzia na superestimação do papel do sindicato e da luta econômica; enfim, todos esses aspectos da teoria e prática dos anarco-sindicalistas revelaram o impasse em que se encontrava o movimento operário no Brasil, neste final dos anos dez”⁷³. Ricardo C. Antunes conclui este pensamento dizendo que “os anarquistas não conseguiram, na atuação concreta, ir além dos ‘reformistas amarelos’, pois, repudiando a participação da luta pelo controle do Estado, limitavam-se ao terreno econômico, enquanto os ‘amarelos’, embora conciliassem com o Estado, também não o questionavam, limitando sua participação ao nível das reivindicações econômicas”⁷⁴. Contudo, se o anarquismo começava a dar sinais de superação, o mesmo não se aplica aos anarquistas (anarco-sindicalistas).

Em 1922 foi fundado o Partido Comunista Brasileiro, cujo articulador foi Astrogildo Pereira⁷⁵. No congresso de sua fundação, com exceção de um membro, todos os demais eram oriundos do anarco-sindicalismo⁷⁶ até então existente. Como resultado da cisão entre anarquistas e comunistas, viu-se uma crise ideológica dentro do movimento operário, dificultando uma reorganização trabalhista. No Rio de Janeiro, o anarquismo começa a dar sinais de debilidade e desorganização⁷⁷; os próprios anarquistas admitiriam, em fins da década de 20, que os bolchevistas estavam ganhando terreno dentro das organizações operárias⁷⁸.

4. A imprensa anarquista no Brasil

Assim como não se sabe, ao certo, qual foi o primeiro indício da presença anarquista no Brasil, também não há um consenso em torno da primeira publicação anarquista em nosso País. Hermínio Linhares faz citação ao periódico “O Anarquista Fluminense”, de 1835⁷⁹. Nelson Werneck Sodré, por sua vez, diz que “os primeiros jornais anarquistas apareceram, aqui, ainda no século XIX: ‘O Despertar’, de José Sarmento, ‘O Protesto’, ‘O Golpe’, ‘A Asgarda’, como pioneiros, os dois últimos dirigidos por Mota Assunção”⁸⁰.

73. Idem, p. 351.

74. ANTUNES, Ricardo C. Op. cit. p. 54.

75. Sobre a formação do PCB, ver: PEREIRA, Astrogildo. **A Formação do PCB**. Rio de Janeiro, Ed. Vitória, 1962.

76. Astrogildo Pereira e Cristiano Cordeiro (intelectuais), José Elias (operário de construção civil), Luís Peres (varredor), Hermógenes da Silva (eletricista), João da Costa Pimenta (tipógrafo). Há citação do nome de Abílio de Nequete, como sendo anarco-sindicalista; por outro lado, há citações que dão conta de que Nequete era bolchevista. Cf. ANTUNES, Ricardo C., op. cit. p. 55, e DULLES, John W. F., op. cit., p. 113, 143-4 e 147-9.

77. DULLES, John W. F. Op. cit. pp. 182-5.

78. Idem, p. 267.

79. LINHARES, Hermínio. Op. cit. p. 28.

80. SODRÉ, Nelson Werneck. **A História da Imprensa no Brasil**. 1. ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966, p. 355.

Benjamin Mota, em texto para o jornal "A Plebe", de 31 de maio de 1919: "O movimento social, em São Paulo, foi iniciado pelos anarquistas, que fundaram, entre outros jornais, em 1892 ou 1893, um periódico denominado 'Gli Schiavi Bianchi'"⁸¹.

A divulgação dos ideais anarquistas se iniciou com a realização de piqueniques por parte dos operários e suas famílias; os primeiros militantes participavam desses piqueniques, no intuito de conseguir simpatizantes⁸².

Existiam, porém, vários obstáculos à conscientização do proletariado local; o principal era que a maior parte deste operariado era analfabeto. Sua alfabetização também não era fácil: a criação de cursos noturnos de ensino não davam resultado, uma vez que os operários tinham a sua inteligência entorpecida, o que dificultava qualquer aprendizagem sobre questões sociais. O seu cansaço físico, depois de uma jornada de trabalho de até 12 horas por dia, também atrapalhava a compreensão do que era ensinado a eles⁸³.

Uma das características mais comuns das publicações anarquistas – e proletárias de um modo geral – é a vida breve que estas apresentam, devido geralmente a dificuldades financeiras e/ou diligências e batidas policiais. Apenas as mais bem-sucedidas apresentavam interrupções temporárias⁸⁴.

Parece difícil referir-se à imprensa anarquista sem fazer menção à imprensa operária como um todo, se considerarmos que esta só apareceria com a chegada do imigrante ao Brasil.

O Estado de São Paulo, por ter recebido o maior contingente de imigrantes europeus (principalmente italianos), ocupou posição de destaque no que se refere à imprensa operária: de 343 títulos de periódicos e jornais que surgiram no Brasil entre 1875 e 1920, 149 títulos (42%) se publicavam no território bandeirante, seguido do Estado do Rio de Janeiro, com 100 títulos (30%)⁸⁵. São Paulo também mostrou sua primazia no que se refere a jornais publicados em língua estrangeira: de 60 títulos, 53 (88,3%) eram publicados em São Paulo, 3 (5,1%) no Rio de Janeiro e 4 (6,6%) nos outros Estados. Destes jornais, 55 eram publicados em italiano, 4 em espanhol e 1 em alemão⁸⁶.

Dentre os principais jornais anarquistas, pode-se citar: "O Protesto" (cujo editor era J. Mota Assunção), fundado em 1899; "O Libertário" (Manuel Moscoso, Neno Vasco e Carlos Dias), 1904; "Kultur" (Elísio de Carvalho), 1904; "A Guerra Social" (Gigi Damiani, Everardo Dias e João Arzua), 1911; "Spartacus" (Salvador Alacid, José Oiticica e Artrogildo Pereira), 1919; "Il Diritto" (Egizio Cini), 1899; "Despertar" (Grupo da Colônia Cecília), 1904, ambos no Paraná; "A Luta", 1909-10 e 1911, do Rio Grande do Sul; "L'Avenire" (Alfredo Casini), 1894; "O Amigo do Povo" (Neno Vasco), 1902; "La Nuova Gente" (Luigi Magrassi e Giulio Sorelli), 1903; "A Terra Livre" (Neno Vasco, Manuel Moscoso e Edgard Leuenroth), 1905; "La Battaglia" (Gigi Damiani e Oreste Ristori), 1900-01 e

81. PINHEIRO, Paulo Sérgio, & HALL, Michael M. Op. cit. p. 23.

82. DULLES, John W. F. Op. cit. p. 23.

83. FERREIRA, Maria Nazareth. Op. cit. pp. 57-8.

84. DULLES, John W. F. Op. cit. p. 23.

85. FERREIRA, Maria Nazareth. Op. cit. pp. 88-9.

86. Idem, p. 90.

1905; "Germinal" (Florentino de Carvalho), 1913; "A Plebe" (Edgard Leuenroth), 1917, todos de São Paulo⁸⁷.

Apesar da grande quantidade de jornais que saíram no começo do século, as dificuldades não cessavam. Mastr'Antonio, em depoimento ao jornal "La Barricata", em 16 de março de 1913, declarava que a propaganda anarquista ainda não era "bem entendida pela maior parte dos companheiros. Se é bem entendida, certamente é muito negligenciada. . . Os nossos companheiros não devem acreditar já ter cumprido toda sua obrigação porque deram ajuda financeira. A eles cabe difundir o jornal entre as multidões trabalhadoras, e fazer o mesmo com todas as nossas outras publicações de propaganda. Se poucos companheiros conseguem vender até quinhentos ou seiscentos bilhetes para uma festa nossa, não deveria ser possível distribuir em São Paulo mil exemplares do nosso jornal, ainda mais que poderiam dá-lo a muitos, mesmo sem pagar?"⁸⁸.

Podemos distinguir a imprensa operária da imprensa empresarial: o tratamento dado à notícia. Nos jornais operários, ela apresenta um caráter processual, no qual são feitas a recuperação e a análise dos fatos. Quanto à primeira página, esta geralmente apresentava manifestos e convocações para reuniões e assembléias operárias; trazia também charges, as quais serviam para ilustrar o editorial; a primeira e as outras páginas traziam textos e conferências que eram reproduzidos na íntegra⁸⁹.

Outro ponto interessante é a ausência do repórter: não era o jornal que ia atrás da notícia, mas a notícia que era "levada" aos jornais. Essas notícias chegavam na forma de denúncias e cartas pessoais, relatórios dos sindicatos e associações etc.⁹⁰

Nos Estados de forte influência imigrante, os jornais podiam ser publicados em português, em língua estrangeira, ou serem bilíngües. Em São Paulo e no Paraná, por exemplo, eram comuns jornais editados em português e italiano.

Outra característica fundamental da imprensa operária é o seu caráter politizante. Geralmente, o jornal operário antecedia um período de greves. Assim, na época das greves, diminuía a incidência de novos títulos; e, inversamente, quando a presença de greves era baixa, tornava-se alta a incidência de novos jornais⁹¹.

Além da imprensa, existiam outros meios de comunicação entre o operariado: o teatro era uma constante também. As peças apresentavam cu-

87. Ver:

DULLES, John W. Foster. Op. cit. pp. 23-6.

FERREIRA, Maria Nazareth. Op. cit. pp. 91-102.

LINHARES, Hermínio. Op. cit.

SODRÉ, Nelson Werneck. Op. cit. pp. 355-7, 359 e 367.

88. PINHEIRO, Paulo Sérgio, & HALL, Michael M. Op. cit. p. 128.

89. FERREIRA, Maria Nazareth. Op. cit. p. 105.

90. Idem, p. 106.

91. Segundo Maria Nazareth Ferreira, "é natural esta oposição. Se o jornal for entendido como instrumento de teoria, isto é, de doutrinação - como era naquela época -, é evidente que nos momentos em que a teoria era levada à prática, ou seja, no momento da ação concreta (a greve), a produção teórica sofria um processo de retração. Estavam todos empenhados na luta, tanto a liderança como os liderados". Op. cit. p. 108.

nho social e libertário, tendo como autores, entre outros, Martins Fontes, Mo-
ta Assunção, Pietro Gori e Neno Vasco. Música, poesia, contos, literatura,
esportes, festas folclóricas e outras atividades artístico-culturais seriam im-
portantes no movimento libertário⁹².

5. Conclusão

Pode causar estranheza o fato de se abordar a imprensa anarquista em
proporção menor do que o anarquismo no Brasil ou no mundo. Contudo, há
alguns pontos a serem considerados:

1º) A bibliografia existente e referente ao assunto, além de não ser
muito vasta, traz divergências entre si. Datas, editores, fatos e outros aspectos
ligados à imprensa anarquista são abordados, em alguns casos, com certa im-
precisão (o que não tira o mérito da bibliografia existente); ao que me parece,
a dificuldade de obter dados referentes à época é um fator preponderante aos
pesquisadores do assunto.

2º) No momento em que o anarquismo se instalava no Brasil (princi-
palmente no período 1890-1920), a situação seria inversa na Europa. Escre-
vem Francisco Foot e Victor Leonardi: "Enquanto, em países como Aleman-
ha e França, a criação de partidos socialistas de massa, sob a égide de Marx e
Engels, já preparava o terreno político para a construção da Segunda Interna-
cional (1889) e o anarquismo entrava em crise e declínio, aqui no Brasil, pelo
contrário, as características da formação sócio-econômica, combinadas à pre-
ponderância do anarquismo nos países-chaves da emigração, resultavam num
certo descompasso político do movimento operário brasileiro em relação às
principais tendências das vanguardas internacionais"⁹³.

3º) A imprensa anarquista foi de importância fundamental em algu-
mas cidades que, mesmo sem a presença do imigrante, participaram e contri-
buíram para o movimento libertário e operário. Contudo, a pouca concen-
tração e o seu tamanho reduzido foram fatores que facilitaram a repressão
policial e governamental⁹⁴.

Tudo isso, porém, não diminui a sua importância no cenário nacional.
"A Plebe", por exemplo, pode ser considerado o principal jornal do movi-
mento anarquista⁹⁵ e um dos mais importantes da história da imprensa brasi-
leira. Atualmente, pode ser encontrado, no Brasil, um periódico auto-intitula-
do anarquista: "O Inimigo do Rei", publicado na Bahia.

Uma crítica que se faz ao movimento anarquista no Brasil é que este
se deteve mais em questões sócio-econômicas do que político-filosóficas. E
isso é uma verdade. Assim, temos de comparar as condições em que se encon-
trava a Europa do século passado e o Brasil do começo deste século. Enquan-

93. HARDMAN, Francisco Foot, & LEONARDI, Victor. Op. cit. p. 237.

94. Sobre a imprensa anarquista em outros Estados (exceto RJ e SP), ver:
HARDMAN, Francisco Foot, & LEONARDI, Victor. Op. cit. pp. 295-316.

95. "A Plebe" é considerado o jornal de maior longevidade do movimento anarquista;
circulou, com várias fases e interrupções, entre 1917 e 1951.

92. Sobre manifestações artístico-culturais operárias, ver:
ECO, Umberto. **A Estrutura Ausente: Introdução à pesquisa semiológica**. São Paulo,
Edusp/Perspectiva, 1971. pp. 400-7.
FERREIRA, Maria Nazareth. Op. cit. pp. 58-61.
HARDMAN, Francisco Foot, & LEONARDI, Victor. Op. cit. pp. 317-28.

to a Europa era o berço de grandes pensadores e filósofos (Marx, Proudhon, Engels, Godwin, Saint-Simon, Lukács, Sorel e Fourier, apenas para citar alguns) e de condições que favoreciam o aparecimento destes, no Brasil a situação era outra. As primeiras universidades, por exemplo, só surgiriam no primeiro quartel do século XIX, tomando impulso e incremento quase um século depois. Desse modo, pode-se notar que, nos países em que os pensadores desenvolviam seus artigos e teses sobre as ciências políticas e filosóficas, o anarquismo se mostraria apenas no nível teórico. Já nos países que apresentavam condições mais precárias de vida e baixa concentração do sistema fabril moderno, o anarquismo se revestiu de um caráter mais ligado à prática e à ação direta, carecendo, porém, de um embasamento teórico. Assim, pode-se dizer que nestes países (com exceção da Suíça) as tendências anarquistas se alastraram porque "as liberdades democráticas não estavam em pleno vigor e nos quais, portanto, o 'sistema de autoridade' poderia ser melhor rejeitado em bloco"⁹⁶. Estes países são: Itália, Portugal, Espanha, e os países latino-americanos.

Podem ter sido um desejo utópico o dos anarquistas: o fim da autoridade e da repressão do homem pelo homem; a liberdade individual respeitada ao máximo. Porém, parece-me que toda e qualquer tentativa de oposição a uma hegemonia vigente não é em vão.

6. Bibliografia

- ANSART, Pierre. **Marx et l'anarchisme**. 1. ed. Paris, Presses Universitaires de France, 1969.
- ANTUNES, Ricardo C. **O que é Sindicalismo**. 9. ed. São Paulo, Brasiliense, 1984.
- BARROS, A. B. Buys de. **Os Movimentos Sociais e o Socialismo**. 3. ed. Rio de Janeiro, José Konfino-Editor, 1956.
- BOTTOMORE, T. B. **As Classes na Sociedade Moderna**. 1. ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1968.
- COSTA, Caio Túlio. **O que é Anarquismo**. 10. ed. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- COTRIM NETO, Alberto B. **Curso de Doutrina dos Socialismos**. 1. ed. Rio de Janeiro, Livraria Freitas Bastos, 1953.
- DULLES, John W. Foster. **Anarquistas e Comunistas no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1977.
- FERREIRA, Maria Nazareth. **A Imprensa Operária no Brasil (1880-1920)**. 1. ed. Petrópolis, Vozes, 1978.
- HARDMAN, Francisco Foot e LEONARDI, Victor. **História da Indústria e do Trabalho no Brasil**. 1. ed. São Paulo, Global, 1982.
- JACKSON, J. Hampden. **Marx, Proudhon e o Socialismo Europeu**. 1. ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1963.
- LINHARES, Hermínio. **Contribuição à História das Lutas Operárias no Brasil**. 2. ed. São Paulo, Alfa-Ômega, 1977.
- PINHEIRO, Paulo Sérgio, & HALL, Michael M. **A Classe Operária no Brasil (1889-1930)**. Documentos. 1. ed. São Paulo, Alfa-Ômega, 1979.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **A História da Imprensa no Brasil**. 1. ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966.
- WEBER, Max. **Ciência e Política**. Duas vocações. 1. ed. São Paulo, Cultrix, 1970.

96. HARDMAN, Francisco Foot, & LEONARDI, Victor. Op. cit. pp. 331-2.